



Skills Summit 2018 – Competências para um mundo digital

Ao longo da história, a mudança tecnológica criou riqueza, mas também ruturas e ansiedade para com as mudanças. O mundo de hoje é marcado pela transformação digital: *big data*, robôs, plataformas em linha, mercados digitais, que estão a mudar o mundo do trabalho e a vida quotidiana. O que talvez seja novo na atual fase de mudança tecnológica é que os decisores políticos, os empregadores e a opinião pública têm uma forte consciência dessas mudanças e da importância da resposta política dada hoje para o futuro. Ao mesmo tempo, estima-se que o crescimento económico global venha a ser relativamente reforçado nos próximos anos e que a taxa de desemprego venha a ser relativamente baixa, na média dos países da OCDE. A consciência da importância da decisão tomada hoje para o futuro e as perspetivas de melhorias da economia confere o dinamismo necessário à implementação de uma resposta política ambiciosa e coordenada a esta nova fase de mudança tecnológica.

Porque investir em competências é crucial num mundo digital

As muitas facetas que a transformação digital pode assumir, incluindo computadores, Internet, *big data*, robôs e plataformas em linha, estão a penetrar em países e indústrias em diferentes graus e velocidades. Como resultado, muitos trabalhos mudarão na sua natureza, outros poderão desaparecer como resultado da automação, e novos serão criados graças a plataformas em linha e oportunidades de negócios criadas por via do digital. Neste momento, a maioria dos trabalhadores usa regularmente um computador ou um *smartphone* no trabalho.

Além do trabalho, a transformação digital afeta muitos aspetos da vida quotidiana, bem como a forma como as pessoas interagem, comunicam, aprendem, constroem confiança nos outros, participam do processo democrático e ocupam o seu tempo.

As pessoas precisam de ter a combinação certa de competências para manter um emprego, beneficiar de novas oportunidades de trabalho, aceder, filtrar e fazer um uso equilibrado das informações fornecidas pela Internet, bem como aprender através de novas oportunidades de aprendizagem em linha, como os Massive Open Online Courses (MOOCs).

Esta combinação de competências inclui, em primeiro lugar, fortes competências cognitivas gerais, como a literacia, a numeracia e competências básicas TIC. Também

inclui competências analíticas e uma vasta gama de competências complementares, como a resolução de problemas, o pensamento criativo e crítico e uma forte capacidade de continuar a aprender.

No entanto, de acordo com a o Inquérito sobre Competências dos Adultos (PIAAC), 1 em cada 4 adultos nos países da OCDE tem baixo desempenho em literacia, numeracia ou resolução de problemas usando um computador. Essas competências são consideradas como cruciais para trabalhar e viver nas economias e sociedades modernas. Os jovens estão mais bem preparados do que os adultos mais velhos para enfrentar os desafios da transformação digital, pois têm mais competências cognitivas e de TIC na maioria dos países da OCDE. No entanto, o PISA 2015 mostra que, em média, nos países da OCDE, apenas 28% dos alunos conseguem resolver problemas colaborativos de forma clara.

As políticas precisam de promover a combinação certa de competências em toda a população. Adultos com baixas qualificações são mais propensos a serem “os perdedores” da transformação digital. Eles correm mais riscos de verem as tarefas que rotineiramente executam no seu trabalho substituídas pela tecnologia. Em contraste, os trabalhadores altamente qualificados usam as novas tecnologias para complementar as suas competências e alcançar um melhor desempenho. Eles também estão mais aptos às necessidades de mudança de competências. Pais com melhores qualificações podem ajudar os seus filhos a fazer o melhor uso da Internet e dos seus *smartphones*.

A transformação digital afeta as regiões de formas diferentes. A criação de emprego, nomeadamente associada às empresas de alto crescimento e de alta tecnologia, tem maior probabilidade em estar concentrada em regiões altamente qualificadas, enquanto os trabalhadores pouco qualificados enfrentam maiores dificuldades em encontrar trabalho. Estas desigualdades geográficas podem, assim, contribuir para exacerbar as desigualdades em geral.

O futuro do emprego, a promoção do crescimento económico e a redução das desigualdades dependem de políticas que acompanhem e conduzam a evolução tecnológica. Políticas que afetam o desenvolvimento de competências e a utilização de competências - as chamadas políticas de competências - têm um papel crucial a desempenhar neste pacote de políticas.

Repensar as políticas educativas e de aprendizagem ao longo da vida

Tendo em conta que o mundo do trabalho e as sociedades estão a mudar, continuar a aprender ao longo da vida torna-se cada vez mais importante. Em todos os países da OCDE, os trabalhadores com baixas qualificações são muito menos propensos a participar em atividades de educação e formação do que os trabalhadores altamente qualificados. É necessária uma abordagem de todo o governo (*whole-of-government*) para enfrentar os múltiplas barreiras à participação em atividades de educação e formação e tornar a aprendizagem ao longo da vida uma realidade para todos. Isso inclui rever os sistemas tributários para reduzir os obstáculos financeiros, remover as barreiras ligadas ao facto de as mulheres geralmente terem mais responsabilidades familiares, facilitar o

acesso dos adultos à educação formal e reconhecer melhor as competências adquiridas após a educação inicial.

Os alicerces da aprendizagem ao longo da vida estabelecem-se numa idade precoce. As competências sociais e emocionais - ou *soft skills* - que são cada vez mais valorizadas pelos empregadores, mas também de forma mais geral pelas sociedades, começam a ser desenvolvidas nos primeiros anos de escolaridade. Todo o currículo pode ser desenhado para promover o que é chamado de “predisposição para aprender”, o que determina a participação na educação e formação, e simplesmente “aprender fazendo”, numa idade posterior.

Os percursos para o prosseguimento de estudos ou formação avançada devem estar disponíveis para todos, independentemente do tipo de educação ou formação escolhido. Por exemplo, os jovens em percursos de ensino e formação profissionais precisam de uma vasta gama de competências transferíveis, percursos com vista ao prosseguimento de estudos ou formação mais avançada, e oportunidades de formação em contexto laboral.

A utilização da tecnologia na escola é uma forma de desenvolver competências específicas, como o pensamento computacional, que é necessário em muitos empregos expostos a novas tecnologias. Mas também é uma forma de desenvolver práticas pedagógicas altamente interativas que podem ajudar a dotar os alunos com competências sociais e emocionais e a encorajar os alunos com baixos desempenhos a investir na sua educação e formação.

No entanto, na prática, na maioria dos países da OCDE, a utilização das TIC nas escolas não se traduziu num aumento do desempenho escolar dos alunos. Os professores são aqueles que podem aproveitar ao máximo a tecnologia em contexto de sala de aula. Ao mesmo tempo, os professores, na maioria dos países da OCDE, têm reportado uma grande necessidade de formação nesse domínio.

Os MOOCs e outras formas de aprendizagem a distância oferecem opções flexíveis para continuar a aprender. No entanto, o potencial que a formação *online* pode oferecer às empresas para formar os seus trabalhadores ainda não foi, neste momento, alcançado. Além disso, embora os MOOCs geralmente possam ser acessíveis de forma gratuita, os padrões de participação parecem reproduzir os padrões de participação dos adultos em educação e formação. Adultos altamente educados e altamente qualificados são mais propensos a participar nessas atividades de educação e formação.

Implementar melhores políticas de competências para o mundo de amanhã

O ritmo e o âmbito das mudanças tecnológicas no mundo atual fazem aumentar a procura por políticas educativas e de competências de alta qualidade. Eles também criam desafios para sua implementação e precisam de uma abordagem abrangente na qual as políticas educativas e de competências integram um pacote de políticas consistente.

As incertezas incorporadas na transformação digital precisam de ser integradas na forma como as respostas de política são desenhadas. Para as políticas educativas e de

competências, isso significa adotar um enfoque mais amplo para o desenvolvimento de competências, englobando a educação inicial, mas também a educação e formação de adultos, formação em contexto laboral e outras oportunidades de aprendizagem que as pessoas tenham ao longo da vida.

Novos modelos de negócios e o aparecimento de formas de contrato não padronizadas, como horários de trabalho muito curtos ou contratos de prestação de serviços, geram desafios para os formuladores de políticas em vários aspetos. Embora a proteção social seja frequentemente apresentada como uma resposta, a forma de assegurar que esses trabalhadores tenham oportunidades e incentivos suficientes para formação, é outro aspeto importante. Um modelo bem-sucedido de financiamento do desenvolvimento de competências pode melhor vincular os direitos de formação à pessoa do que ao emprego, especialmente se associado à formação adequada e à orientação profissional.

As redistribuições de trabalhadores entre empregos e indústrias são inevitáveis. Políticas de formação, habitação e proteção social de apoio podem acompanhar a mobilidade profissional e geográfica.

Uma agenda política que aproveita ao máximo a transformação digital exigirá coordenação, alinhamento e encadeamento de pacotes de reformas em várias áreas políticas, incluindo não apenas aquelas que impactam na formação de competências, mas também aquelas que afetam o âmbito, a velocidade e direção da transformação digital, as mudanças na procura de empregos e competências, a produtividade, e as desigualdades. Diferentes ministérios, níveis de governança, tipos de instituições, mas também empregadores e parceiros sociais precisam de ser envolvidos.